

Empresários acham que o pior já passou

SILVIA FARIA

BRASÍLIA — A expectativa de catastrófe econômica, que abateu o empresariado e analistas de maneira geral, no início do ano, foi revertida, na opinião de diversos dirigentes da classe empresarial e consultores de empresas. A reversão não indica ainda, no entanto, que os problemas tenham sido superados ou que o País esteja próximo da normalidade.

Os empresários avaliam que a sinistrose do início do ano era uma visão mais pessimista do que levavam a crer os indicadores reais. Isto porque ela tinha componentes políticos, provocados pela Constituinte e troca de ministros na área econômica, que davam grande instabilidade psicológica ao setor privado. Quem previu o contrário na ocasião, baseado em indicadores econômicos, como a Sayad & Reichstull & Luna Consultores, foi considerado otimista, como

lembra hoje um dos sócios da empresa, Francisco Vidal Luna.

Simeira Jacob, dirigente do grupo Arapuã (360 lojas espalhadas por todo o País), concorda, afirmando que, na visão do grupo, o pior já passou.

Os investimentos, no entanto, não estão previstos. Com a elevada inflação puxando o custo do dinheiro, ninguém está tomando crédito, como atesta o Diretor-Executivo do Banco Noroeste, Augusto Arantes Savasini. O Presidente do Sindicato Nacional das Indústrias de Papel e Celulose, Horácio Cherkassky, que atua no setor que mais tem apresentado crescimento de atividade, por causa das exportações, confirma que não há novos investimentos.

Baseado nas intenções de investimento das empresas clientes do escritório, Luna acredita que a atividade econômica pode cair 1% ou crescer 1%. A resistência do empre-

sariado a novos investimentos, na opinião unânime dos empresários, deve-se à inflação e à indefinição relativa à regulamentação da nova política industrial e à Constituinte. Savasini sente que as decisões de investimento estão sendo proteladas porque o setor privado não sabe as regras para a indústria.

A reversão das expectativas, segundo estes empresários, se deve a alguns fatores, como: crescimento das exportações; aumento da renda agrícola; manutenção do poder de compra, através da URP; a atuação do Governo no esforço de controle de suas finanças; e estabilização dos níveis inflacionários inferiores aos patamares temidos no início de 88.

A recuperação da atividade econômica ainda é vista com cautela. Os empresários acreditam que ela comece a ocorrer no início do próximo ano, juntamente com a queda da inflação.